



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

PATRICIA ROCHA SANT ANNA

**SABERES CIRCULARES E VISIBILIDADE DAS ARTES INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO
BÁSICA: APLICAÇÃO DA LEI 11.645/ 2008**

SALVADOR

2024

PATRICIA ROCHA SANT ANNA

**SABERES CIRCULARES E VISIBILIDADE DAS ARTES INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO
BÁSICA: APLICAÇÃO DA LEI 11.645/ 2008**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes da Universidade do Federal da Bahia - UFBA.

Orientador: Prof. Dr. Danillo Barata

SALVADOR

2024

Dados internacionais de catalogação-na-publicação (SIBI/UFBA/Biblioteca
Universitária Reitor Macedo Costa)

Sant'anna, Patrícia Rocha.

Saberes circulares e visibilidade das artes indígenas na educação básica: aplicação da
Lei 11.645/2008 / Patricia Rocha Sant'anna. - 2024.
40 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Barata.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos, Salvador, 2024.

1.Arte indígena - Bahia. 2. Educação multicultural - Bahia. 3. Indígenas da América do Sul - Brasil - Arte
- Estudo e ensino. 4. Indígenas da América do Sul - Brasil - Usos e costumes - Estudo e ensino.
5. Escola Municipal Vivaldo da Costa Lima (Salvador, BA). 6. Brasil. [lei n. 11.645, de 10 de março de
2008]. I. Barata, Danilo. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 370.1170981

CDU - 37.035(813.8)

AT A DO EXAME DE DEFESA - MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Área de Concentração: Ensino de Artes

Linha de Pesquisa/Atuação: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes

Atendendo à legislação vigente, às 14h00 do dia 22 de abril de 2024, na Plataforma RNP, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências prof. Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, reuniu-se a Banca Examinadora, presidida pelo Orientador: **Danillo Silva Barata**, a fim de avaliar o Projeto de Trabalho de Conclusão da aluna **PATRICIA ROCHA SANT'ANNA**, intitulado "SABERES CIRCULARES E VISIBILIDADE DAS ARTES INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

APLICAÇÃO DA LEI 11.645/ 2008", requisito final para a obtenção do título de **Mestre em Artes**. Aberta a sessão pelo Presidente, coube a mestrandia, na forma regimental, expor o tema de seu Trabalho de Conclusão, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foram apresentadas as arguições pelos membros da Banca Examinadora. Em seguida, deram-se as explicações que se fizeram necessárias. Em ato contínuo, a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do Programa, sendo o trabalho:

Aprovado **Aprovado com alterações** **Reprovado**

Destaca-se: Texto final com densidade apropriada para um trabalho dessa natureza. A pesquisa alcança seus objetivos e a autora os disserta com firmeza e objetividade concluindo a realização de uma etapa acadêmica com a necessária completude.

No que tange o artigo e às inquietações nele contidas, a banca reunida avalia que ele contempla muito bem as necessárias diretrizes para o desenvolvimento de um trabalho científico. Situa os problemas de pesquisa e os referenciais teóricos e artísticos desenvolvidos na execução do trabalho, os quais contribuiram para direcionar a argumentação e a reflexão da autora.

Dessa forma, o estudo traz contribuições no âmbito da valorização da experiência das políticas, conforme prevê a lei 11645/2008. Forja, desse modo, um indicativo de um campo de estudos.

Recomendam-se a publicação após a revisão pelo orientador.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela acadêmica.

Salvador, 22 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

Dr. Danilo Silva Barata – UFRB/ PROF-ARTES

Presidente/orientador(a)



Documento assinado digitalmente

DANILLO SILVA BARATA

Data: 23/04/2024 10:04:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Paola Barreto Leblanc. – UFBA /PROF-ARTES

Avaliador(a) interno(a)



Documento assinado digitalmente

PAOLA BARRETO LEBLANC

Data: 22/04/2024 20:15:53-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento – UFRB

Avaliador(a) externo(a)

Documento assinado digitalmente



CLAUDIO ORLANDO COSTA DO NASCIMENTO

Data: 22/04/2024 16:06:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

De acordo:

Patrícia Rocha Sant'Anna

Acadêmico(a)

Documento assinado digitalmente



PATRICIA ROCHA SANT ANNA

Data: 22/04/2024 20:47:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Saberes circulares e visibilidade das artes indígenas na educação básica: aplicação da lei 11.645/2008

Patricia Sant Anna¹

RESUMO

Este artigo refere-se à aplicação da Lei 11.645/2008 na Escola Municipal Vivaldo da Costa Lima, respeitando os saberes circulares das artes indígenas, (re) ancestralizando e ressignificando; promovendo a visibilidade destas artes. Artes indígenas tratadas como expressões de povos, culturas, identidade e criatividade étnicas. Os processos de ensino, aprendizagem e criação em artes, foram relacionados com as práticas formativas e suas conexões relativas ao ensino das Artes Visuais relacionado com o contexto de que faz parte a escola. A construção dos processos de criação em arte com processo de aprendizagem foi realizada ouvindo os alunos e seus multiversos infantis. Assim, tive a possibilidade de aplicar a Lei 11.645/2008, trazendo para a prática um portal de possibilidades e conexões, e priorizar as narrativas indígenas. Nesta proposta de experiência de arte, é importante que os alunos saibam da existência dos encantados, e entendam que os grafismos têm seus significados e são sagrados para os povos indígenas. Proponho o ensino e a aprendizagem no conhecimento da arte a partir da prática e experiência artística, da apreciação e história da arte. A prática da arte na educação básica com a mudança de pensamento sobre os povos indígenas no Nordeste e no Brasil, no intuito de trazer para a sociedade vínculos e influências; refletindo e integrando os diferentes conteúdos da cultura brasileira.

Palavras-chave: arte na educação, decolonizando práticas de ensino.

¹Professora de Artes Visuais na Rede Municipal de Ensino de Salvador, com carga horária de 12 turmas distribuída nos turnos Matutino, Vespertino e Noturno: Fundamental I, 10 turmas, e EJA – Educação de Jovens e Adultos, 2 turmas no TAP – Tempo de Aprendizagem (Tap IV e Tap V) na Escola Municipal Vivaldo da Costa Lima. Participante do Grupo de Trabalho formado por Professores de Artes da Rede.

Circular knowledge and visibility of indigenous arts in basic education and law
enforcement 11.645/2008

ABSTRACT

This article refers to the application of Law 11,645/2008 at the Vivaldo da Costa Lima Municipal School, respecting the circular knowledge of indigenous arts, (re)ancestralizing and giving new meanings; promoting the visibility of these arts. Indigenous arts treated as expressions of ethnic people, cultures, identity and creativity. The teaching, learning and creation processes in the arts were related to the training practices and their connections related to the teaching of Visual Arts related to the context of which the school is part. The construction of creation processes in art with a learning process was carried out by listening to the students and their children's multiverses. Thus, I had the possibility of applying Law 11,645/2008, bringing into practice a portal of possibilities and connections, and prioritizing indigenous narratives. In this proposed art experience, it is important that students know about the existence of the enchanted, and understand that the graphics have their meanings and are sacred to indigenous peoples. I propose teaching and learning in the knowledge of art based on artistic practice and experience, art appreciation and history. The practice of art in basic education with a change in thinking about indigenous peoples in the Northeast and in Brazil, with the aim of bringing links and influences to society; reflecting and integrating the different contents of Brazilian culture.

Keywords: art in education, decolonizing teaching practices.



INTRODUÇÃO

“É preciso reflorestar mentes”. (Célia Xakriabá)

Ao promover a visibilidade das artes indígenas, há um retorno, uma retomada de conhecimento com os povos originários. Para isso é necessário respeitar os saberes circulares das artes indígenas, (re) ancestralizando e ressignificando. O presente trabalho teve início na Escola Municipal Vivaldo da Costa Lima, com os alunos que moram na região do Centro Histórico de Salvador. Alunos soteropolitanos e alunos de outros países, e estados, matriculados na unidade escolar. A construção do processo de criação em arte como processo de aprendizagem foi dialogada com os saberes que os alunos já trazem para a escola. Ouvindo os relatos dos alunos na primeira semana de aula, a semana diagnóstica, muitos se identificaram como netos, filhos de indígenas.

A concepção de mundo para os indígenas é diferente da concepção de mundo dos não indígenas. Para os indígenas eles fazem parte da natureza: o rio é a avó, a pedra é o avô, a montanha também é parente. A natureza é percebida como parte de si. É feita uma humanização da natureza, ela faz parte do ser humano, assim como conversamos com os cachorros, plantas. Damos nomes e apelidos humanizando-os. A natureza se comunica e se faz entender. Arte, educação e ecologia são a mesma coisa para os indígenas, não há compartimentação. Tudo pode interferir no todo comum.

A visibilidade das artes indígenas e as dimensões infantis, cosmovisões, olhar de fábula quando são trabalhados coletivamente, facilitam o aprendizado do aluno. Arte e educação são a mesma coisa para os indígenas, não há compartimentação, assim como as realidades, ou multiversos, universos virtuais ou imaginários que a criança experimenta através do seu olhar. Quando o assunto é contextualizado, apreciado, a produção ocorre naturalmente. É dado sentido a experiência artística e prática de acordo com contexto escolar ao qual o aluno está inserido.

O esquecimento, a negação e o desconhecimento sobre a temática e a falta de material didático disponível nas escolas me impulsionou a pesquisar com recursos próprios. Ou seja, mesmo amparada pela Lei 11.645/2008, as unidades escolares não têm material didático disponível escrito por indígenas. “A publicação de obras indígenas faz mais do que promover inclusão das etnias nativas: promove

letramento histórico, literário e cultural e crítico de leitores e cidadãos” (JECUPÉ, 2021, p.9). Dei a preferência a autores indígenas, que foram pesquisados durante o processo do mestrado, para as referências bibliográficas. São os indígenas que irão me dar o suporte correto para o tratamento da temática indígena em sala de aula.

A precarização do ensino público, e a desvalorização do trabalho dos professores é notória. É mais comum do que deveria ser, não poder, ou não conseguir obter Licença no trabalho para estudo e desenvolvimento de pesquisa. A pesquisa que é uma satisfação em ser realizada, pode se tornar um desgaste muito grande de saúde física e mental desnecessário. Desgaste que é normalizado e naturalizado, mesmo não sendo correto, nem saudável. Assim como na escola, estudar precisa ser agradável, não ser automático, nem mercadoria. “A vida é fruição” (KRENAK, 2020, p.108).

Depois do início da pesquisa, por questões de carga horária, em 2022, a Secretaria de Educação do Município de Salvador, me encaminhou para complementar a carga horária em mais outras duas escolas. Assumi 3 escolas. Tenho 40 horas semanais, com planejamentos diferenciados para Fundamental I e II de séries diferentes, e EJA, distribuídas em 13 turmas no total, com 25 a 37 alunos por turma, e cursando o Mestrado no ProfArtes.

Por isso trago desenvolvimento da proposta pedagógica, além da E.M. Vivaldo da Costa Lima, também realizadas na E.M. Lélis Piedade, localizada no bairro de Cosme de Farias – Fundamental I; e na E.M. Joir Brasileiro, bairro de Brotas, que também atende a clientela dos bairros de Saramandaia e Polêmica – Fundamental II. Bairros com histórico de alta violência por conta de tráfico e facções, assim como ocorre no Centro Histórico. Tendo a oportunidade de trabalhar também no Fundamental II a temática do projeto ampliou-se o alcance da flecha.

Não encontrei adesão imediata dos colegas de outros componentes curriculares nestas unidades escolares a fim de decolonizar o ensino com a aplicação da Lei 11.645/2008. Mas também não fui impedida de prosseguir com as atividades em artes. Ainda se lê a lei 10.639/03 em vez desta mesma lei alterada para 11.645/2008 que amplia a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira e indígena”.

Tive a satisfação de conhecer Kalantã Pataxó Hã hã hãe, Professor Ademário Payayá e Taquari Pataxó nesse percurso, indígenas que tornaram possível o diálogo

com outros professores de artes da rede municipal de Salvador em jornada de formação específica para professores de artes.

Neste trabalho trago o percurso didático organizado em três subdivisões. A Lei 11.645/2008, a arte na educação básica, os públicos escolares, procedimentos metodológicos e estratégias. Seguindo da importância dos saberes circulares na arte educação, visibilidade das artes indígenas e decolonização saberes. Apresentando a prática pedagógica da visibilidade das artes indígenas e aplicação da Lei 11.645/2008 através da experiência da criação de grafismos, respeitando os encantados e a cosmovisão das culturas indígenas, considerando a relação interdisciplinar que o tema traz.

1. ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O estudo da arte desperta o indivíduo para outros saberes. Quando investigamos através desse estudo temos a possibilidade de compreender manifestações culturais e históricas. Os diferentes povos que viveram e mantiveram suas crenças, interpretaram os fenômenos da natureza e expressaram sentimentos e emoções pessoais, e como se dirigiam aos seus deuses. Essa população ancestral deixou um caminho para os que vieram depois. E ainda hoje existem e resistem.

Disciplina obrigatória nas escolas (LDB 9.394/96), o estudo da arte potencializa o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, além do desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e capacidade de aceitação das diferenças. Entendo a arte como uma forma de comunicação e expressão. Logo, a teoria precisa se comunicar com a prática, e com conteúdos relacionados à diversidade cultural e multiculturalismo. Estimular o pensamento crítico em vez de repetição.

O ensino que contempla a diversidade cultural de nosso país é garantido por lei, mas nem sempre é cumprido. Precisamos atuar como educadores antirracistas. Lutar contra o racismo estrutural, um sistema colonizador que continua atuando nas escolas. Valorizar as diferenças, o jeito próprio de ser e de se expressar. Escutar o aluno. Escutar o silêncio. Os indígenas ouvem outras histórias e não têm preconceito, é uma prática comum desses povos. O Professor Dr. Edson Kayapó explica: “É simples! Basta compreendermos que a nação brasileira não é uma unidade homogênea” (SESC, 2019, p.72).

1.1. A LEI 11.645/2008 E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO

A Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, determina o estudo da história e da cultura indígena e afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. A lei obriga a inserção da história e das culturas dos povos indígenas e afro-brasileiros serem aplicadas no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, objetivando a educação para as relações étnico-raciais.

A partir de cada interpretação particular de cada sistema escolar, entendeu-se que seria exclusividade de História, Arte e Literatura. Por isso, se vê menos ainda a Lei 11.645/2008 atingir a matemática, ciências. Por outro lado, acredito que seriam necessários mais professores indígenas nas escolas para colaborar com esses conhecimentos.

No entanto, é preciso contextualizar que discursos colonizadores, originados pelas práticas doutrinárias de evangelização de 1500 ainda persistem. Em função disso, a sociedade brasileira ainda associa a imagem do indígena como ser “selvagem”. Sendo necessário desde a primeira aula explicar aos alunos que o Brasil foi invadido, colonizado e que os indígenas podem estudar, usar calça jeans, celular, morar onde preferirem e que não são todos iguais. Existem diversos povos indígenas no Brasil, com diversas línguas, culturas diferentes.

As escolas e seus currículos, por sua vez, sutilmente vêm acompanhando a ação genocida do Estado brasileiro, seja no silenciamento, desses povos na história e no estudo da História, na transformação de suas culturas em folclore nacional, ou ainda os condenando a um passado longínquo da história nacional (KAYAPÓ, 2019, p.59).

A negação dos povos indígenas e suas culturas segue atualmente, com problemas recorrentes, como: a existência de um tipo de indígena genérico, representante de todos os povos; indígena como um ser do passado, “selvagem”, invisibilizado. Indígena civilizado, urbano não é considerado indígena; dentre outras negativas subalternizantes. “Existe uma necessidade de materiais escritos pelos próprios indígenas que possam informar sobre seus povos, sua cultura, sua identidade, seu território” (KAMBEBA, 2020, p.16). Mesmo que hoje em dia existam publicações indígenas, é necessário que tenham visibilidade. Estejam nas salas de aula. Fato que nem sempre ocorre, ou não ocorre. Os materiais didáticos disponíveis nas escolas trazem imagens estereotipadas. Os indígenas são apresentados nas

matas, morando em ocas, nus. Essas informações reforçam o preconceito e a discriminação.

Nós devemos nos responsabilizar em nos qualificar, estudar. Temos compromisso em aplicar a Lei 11.645/ 2008. Não tem livro que dê conta. A forma indígena de se educar é através da oralidade. O aprendizado é sentido, experimentado. Imprescindível estar com indígenas, quilombolas, ciganos, outras etnias para conhecer um pouco mais. Construir outras formas para trabalhar os conteúdos em artes.

Sendo educadora, busco oferecer aos alunos a efetivação da Lei 11.645/2008. Por isso a centralização dos meus estudos e aulas para os alunos é a partir da visão de mundo do olhar indígena. Mesclando com os “mundos” que os alunos informam também, através do diálogo e escuta. Podemos modificar o ensino para melhor com a percepção de que respeito às diferenças, individualidades e identidades são fundamentais para a construção de um sujeito-cidadão. “O mundo é criado a toda hora” (KRENAK, 2023, p.6).

1.2. HISTÓRICO SOBRE AS ESCOLAS

1.2.1. **Procedimentos Metodológicos - Público escolar–Ecologia do lugar**

Escola Municipal Vivaldo da Costa Lima

A Escola Pública de Ensino Fundamental I (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos distribuídos nos turnos matutino e vespertino) e EJA (TAP- Tempo de Aprendizagem IV e V - noturno), está localizada na Rua do Passo, 57 - Largo do Carmo no Centro Histórico de Salvador. Ambiente hostil, onde crianças são moradoras de rua, ou estão em abrigo (porque os pais foram presos, ou sumiram), ou são criadas por vizinhos, ou outros parentes, são os alunos que compõem este ambiente escolar. Muitos são parentes, ou moram próximos, ou são de abrigo, e/ ou estão em condição de vulnerabilidade social. Trazem consigo a violência nos gestos, no modo de se expressar. Para alguns é normal “brincar de bater no outro”, roubar, prostituição, tráfico. A visão de mundo é diferente. Alta vulnerabilidade.

Encontrei dificuldade de ser feita árvore genealógica porque o que seria bom ser lembrado, trouxe recordações bastante violentas, como perda de pais para o tráfico, e/ ou por estarem presos, o que interferiu em um estudo mais aprofundado das histórias desses passados vinculados. Investiguei, escutei, dialoguei até onde foi

possível, sem intervir negativamente no emocional dessas crianças. A partir do conteúdo de informações obtidas, formulei atividades que favoreceram o melhor desenvolvimento possível do ser integralmente. Houve um sensível reconhecimento dos alunos nas atividades de artes. Quando solicitados, sabiam fazer, mas não sabiam porque sabiam como fazer. A memória estava ativada. As intervenções pedagógicas devem estar comprometidas com o bem viver.

Para os alunos da E.M.Vivaldo a temática indígena tem um alcance populacional e territorial. São alunos de povos diversos, inclusive indígenas estrangeiros (Peru, Uruguai). Sabem que descendem de povos indígenas porque a avó, ou a mãe explicou. Mas a negação e apagamento cultural e étnico continua até os dias de hoje.

Durante as aulas o diálogo sempre está aberto. E as informações surgem dessa forma, conversando, durante os desenhos, ou apresentação de artistas indígenas por imagens:

Menelik – Meu pai e minha mãe são misturados. Mais para preta, a cor da pele. Mas minha avó é índia. Segundo eles disseram outro dia.
 Pesquisadora – E você sabe qual é o povo da sua avó? Qual aldeia?
 Menelik – Não sei. Mas ela veio escondida para cá, e falava de um jeito diferente. Mas já morreu. Eu aprendi a tomar chá por causa dela. Eu não tomo remédio de farmácia, não. Sabia pró?

Eles mudam de assunto rapidamente. Se identificam com as atividades, com a familiaridade que percebem nas obras indígenas, como cestarias, grafismos. Mas preferem não se aprofundar no assunto de família, porque são inseguros. Podem evadir a qualquer momento da moradia. Vivem de sobressalto, por causa da violência na região. Um dos motivos da sazonalidade das unidades escolares.

Além disso, a especulação imobiliária que ocorre no Pelourinho causa um Apartheid que sempre existiu e cada vez está mais grave. Restaurantes e festas exclusivas, negam a existência de moradores, escolas ao redor. O bairro do Pilar está no mapa. Mas o Pilar não aparece em sua totalidade no mapa. O prédio onde todos os alunos moram aglomerados, tios, avós, primos e parentes denominado Carandiru não pode ser acessado no Pilar. Não aparece no mapa.

A primeira semana de aula que antecede o início das atividades letivas, serve para investigação e diagnóstico. Através de entrevistas, conversas realizadas na Semana Diagnóstico, identifiquei alunos que se autodenominavam como sendo filhos, netos de indígenas. Mas a sazonalidade da frequência deles na escola,

devido ao ambiente onde moravam, não permitia aprofundamento no estudo. Ocorre sazonalidade de frequência nas aulas, por causa das questões de violência entre facções. Evitava-se chamar a Ronda Escolar, para não diminuir a frequência dos alunos na escola. Os alunos estrangeiros em sua maioria eram indígenas, oriundos do Peru, Bolívia, Uruguai. Mas também a frequência não era constante. Ainda assim, estes influenciaram positivamente no aprendizado e interesse maior da turma pelos estudos da temática indígena.

Nessa escola os alunos tinham muita intimidade com insetos. Apreciavam o mundo dos minúsculos: piolhos, baratas, mariposas. Logo, a borboleta foi escolhida por eles como inseto preferido. Além disso, devido à proximidade com o mar, adoram peixe, e contam histórias de pescador, inventadas por eles mesmo. Assim o peixe foi o próximo animal a ser trabalhado. Os padrões gráficos baseados em estudos da fauna local, como besouros, cobras, também singularizam sua produção artesanal” (PATAXÓ, 2011, p.75). Ter uma experiência tem uma sequência: como fases afetivas e práticas, expressas em símbolos, como ocorrem com os grafismos indígenas.

As janelas das salas de aula possuem redes de proteção que foram comparadas por eles a rede de pescador, com visualizações de figuras geométricas como o triângulo (rabo de peixe) e o losango (asas de borboleta). Segue um diálogo dos alunos do 3º ano:

Luan – Pró, Pró, a senhora já viu o que tem na janela? Olha, é uma rede!

Pesquisadora – E o que você vê nesta rede? Se cortar aqui, parece um triângulo?

Ruan – Sim, sim, sim.

Pesquisadora – E esse triângulo pode virar um rabo de peixe?

Ian – Huumm...pode. Mas pode ser sereia?

Pesquisadora – Pode. Mas a gente pode transformar esse triângulo numa borboleta?

Tawan – E ela vai nadar, ou vai voar?

Pesquisadora – Você escolhe.

Kauan – A minha, primeiro, vai ser gravata borboleta!

Dentro de cada sala de aula, podem ser encontrados alunos que são irmãos do tio, que é parente da avó, que foi casado com a cunhada, e esse menor agora está sendo criado pelo vizinho porque os responsáveis estão presos, ou morreram, ou sumiram. Essa situação ocorre com grande frequência nessa escola.

A fim de aproveitar, positivamente, essa intimidade que eles têm entre eles, as tarefas foram realizadas coletivamente. A visibilidade a todo processo de

colaboração trouxe bastante satisfação aos alunos. Há uma manutenção positiva da obra criada. Isto é, os colegas não rasgam, riscam, destroem o produto final, ou do outro, porque o seu trabalho também está exposto ali. Cria-se uma rede de respeito aos processos criativos.

Escola Municipal Joir Brasileiro

Devido as enturmações (quando duas turmas de 15 alunos são acumuladas, transformadas em uma única turma de 30 alunos, por exemplo), e o fechamento do EJA na E.M. Vivaldo, uma das atividades foi aplicada na Escola Municipal Joir Brasileiro, na turma do 8º ano A, do Fundamental II, onde eu complementava carga horária.

A atividade desenvolvida na E.M. Joir Brasileiro surgiu a partir da identificação da relação dos alunos com o entorno escolar. Existe atrás da escola ainda um vestígio de Mata Atlântica que encanta os alunos. Muitos somente se deslocam para a escola a fim de terem acesso ao rio e às frutas que existem nesse ambiente. O rio foi um caminho encontrado como percurso para a serpente ser elaborada coletivamente. Para a realização desta atividade, foram sendo criados grafismos a partir de estampas de peles de animais. Grafismos criados pelos próprios alunos como experiência. Em trabalho coletivo. Por memória ou por ressignificação, estilizados, atualizados, a pele da cobra-coral foi se formando.

A construção desta atividade foi se desenvolvendo a partir do que se enxergava na mata. Dentro da sala de aula é possível adentrar a mata com os olhos, com as narinas. E desde a infância esses alunos da E.M. Joir Brasileiro fazem essa conexão. Nadam no rio. Buscam esse caminho. Enxergam a serpente. “A maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si” (JECUPÉ, 2021, p.64).

Para os alunos da E.M. Vivaldo da Costa Lima e da E.M. Joir Brasileiro, a escola é como se fosse um ‘Portal’. Uma possibilidade de refúgio, de encontro, de vivência. E a aula de artes uma outra dimensão. Eles enxergam a escola como lugar seguro. Nem sempre conseguem deixar a violência do lado de fora. Mas conseguem trazer nas aulas de artes seu imaginário, dialogar, circular as informações.

1.3. RELACIONAMENTO COM O ENSINO DAS ARTES

1.3.1. **Estratégias**

No início do ano letivo, é realizada a Semana Diagnóstico. Durante esta semana os professores têm a possibilidade de investigar, conversar, escutar, verificar alguns níveis de conhecimento, vivências que os alunos já possuem, para depois construírem o planejamento das aulas.

Com essa ativação de memória nos alunos, consigo visualizar com eles outras formas de criação. Somando, reconfigurando através do despertar dessas memórias que os alunos trazem durante a Semana Diagnóstico, e durante as aulas também.

Realizo entrevista individual com cada aluno, de cada turma, para saber também suas preferências particulares que coincidam com o grupo. Importante para ficar atualizada sobre os novos jogos, animações, pontos de vista. Assim, melhor ambientada com o cotidiano particular dos alunos. Cotidiano que muitas vezes interfere bastante no decorrer das aulas. No primeiro dia de aula, em cada turma realizo as seguintes perguntas:

Pesquisadora – Alguém aqui conhece um indígena?

Iago – Oxe... E índio existe?

Ian – Claro que existe, seu burro, eles moram na floresta, você não sabia?

Pesquisadora – O correto é indígena, porque indígena significa originário, povos de origem. Existem vários povos indígenas, aqui no Brasil e eles podem morar onde eles quiserem. Você Iago, pode estudar? Pode usar calça jeans? Pode usar óculos?

Iago – Sim, tudo.

Pesquisadora – Os indígenas também podem, se preferirem. É direito deles, e nós precisamos aprender a respeitar.

O estudante aprende que indígena pode morar em oca, casa, apartamento. Pode estudar com ele na escola, ir ao cinema, usar celular. Sim, indígena existe, e resiste desde as invasões de 1500. Os povos indígenas são os povos originários do Brasil.

Ser índio na contemporaneidade não implica, necessariamente, andar nu ou pintado e nem se deixa de ser índio por viver nas cidades e consumir bens e materiais das sociedades não indígenas (celulares, roupas, ingresso em universidades, ser artista, professor, médico, advogado, etc. Assim, desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminações, inclusive, visitar as atividades desenvolvidas no “Dia do Índio” (as maquetes das “ocas”. Recordam do poema *As Coisas Como Elas São?* (RIBEIRO, 2001).

Apresento possibilidades para a escola dar visibilidade a estes povos, culturas, artes através de imagens, animações, visitas a museus. Abrir portais de comunicação entre mitos ancestrais e falar do mundo atual dos alunos. (superpoderes, minecraft, roblox). Os alunos conseguem ressignificar com os games,

e outras memórias, e invenções deles. Novas possibilidades são criadas. Novos portais e reconexões são feitas através de solidariedade.

Para transmitir algum conhecimento e absorver o que é trazido para a sala de aula precisei buscar e conhecer indígenas baianos. Entender através do olhar deles como eu poderia trabalhar em sala de aula a temática indígena corretamente. Respeitando os grafismos, símbolos sagrados, diversos de cada povo indígena. Conheci Ana Paula Kalantã Pataxó Hã hã hãe² numa visita que ela realizou à escola. Kalantã trouxe encantamento numa atividade realizada com as crianças.

Faço parte de um grupo de professores de artes da rede de ensino da Prefeitura de Salvador. Através de uma colega, tive a satisfação de convidar, conhecer e de me aproximar do Professor Ademário Payayá e do Sr. Genilson Taquari Pataxó³. Com a instrução deles pude realizar da melhor forma a aplicação da Lei 11.645/2008 nas escolas, através de experiências artísticas. A melhor pessoa para falar sobre os povos indígenas, suas culturas e diversidades é o próprio indígena. A colaboração destas pessoas permitiu o avanço da temática nas escolas com muito aprendizado e respeito. Meu aprendizado e dos alunos deve-se bastante a gentileza deles e paciência em me reeducar também neste processo de aprendizagem.

Devido a diversidade dos povos indígenas, e em respeito aos significados dos grafismos indígenas e aos Encantados, preferi que os alunos obtivessem uma experiência com grafismos a partir de estampas de peles de animais. Desta forma os alunos atribuíram seus significados e “superpoderes” ao “seu jeito” de desenhar aquela pele de animal. Aqui foi aberto um dos portais de comunicação entre eles e a temática indígena. As pinturas corporais, os grafismos, têm múltiplos sentidos. Podem estar relacionadas a ritos de passagem ou de proteção do clã ou do indivíduo; a cerimônias de reclusão, de casamento, de luto ou de cura de doenças ou, ainda, à função guerreira ou religiosa. “A pintura corporal antes de tudo é uma

²Kalantã Pataxó Hã hã hãe indígena jornalista, fotógrafa, estilista de moda indígena @gkalanta

³Professor Ademário Ribeiro Payayá indígena escritor, poeta, pesquisador, dramaturgo, pedagogo, especialista em educação, pobreza e desigualdade social, mestre e doutorando em educação @ademario_ribeiro / ademarioar.blogspot.com

Genilson Taquari Pataxó indígena, graduado em direito na UFBA, pesquisador dos direitos humanos e povos indígenas no ensino escolar.

proteção ancestral, que protege o espírito, a alma e a nossa identidade. ” (PITAGUARY, 2019, não paginado).

Planejamento para ser desenvolvido nas escolas (alterando didática de acordo com idade/ série):

Objetivos / Habilidades e Competências (BNCC - Base Nacional Comum Curricular): O aluno deverá produzir, coletivamente, grafismos indígenas, como uma experiência, a fim de obter melhora e desenvolvimento da habilidade tátil, coordenação motora fina, criatividade; reconhecer e valorizar as origens indígenas na arte brasileira como elementos vivos e presentes na cultura do país; valorizar a preservação dos recursos ambientais para a garantia da vida de acordo com sua realidade; compreender e valorizar as contribuições desses povos indígenas para a arte e cultura brasileiras; perceber a função ambiental da arte foram alguns do objetivos buscados no processo de aprendizagem.

Conteúdo: Textura, cor, forma (ponto, linha e o plano) – através dos grafismos indígenas; registros de Artes e culturas indígenas (arte plumária, artefatos utilitários, cestaria); lendas; registro da cultura indígena-brasileira feita por artistas para a introdução a arte rupestre; as origens das artes brasileiras; perceber também, a necessidade do cuidado com o meio-ambiente.

As atividades são realizadas coletivamente. O ciclo 1 (1o, 2o e 3o anos) inicia e o ciclo 2 (4o e 5o anos) dá continuidade, até chegar a interferência do fundamental 2 na mesma atividade. Pedagogicamente as escolas dividem as séries em ciclos no fundamental 1. As expectativas de aprendizagem, conteúdos e situações didáticas são aplicadas de acordo com o desenvolvimento da turma. O tratamento, proposta, e metodologia são ajustados, modificados e adequados a cada ano/ turma. O planejamento vai sendo aplicado nas turmas alterando o grau de complexidade.



2. SABERES CIRCULARES E VISIBILIDADE DAS ARTES INDÍGENAS

2.1. SABERES CIRCULARES

A história de colonização do Brasil é uma história de genocídio dos povos indígenas, extermínio sistemático desta população, desde a invasão de 1500. Além disso, uma contínua tentativa de etnocídio: apagamento de suas memórias e culturas.

Existem e resistem diversos indígenas, de regiões diferentes, línguas, grafismos. Assim como eles em suas composições diversas de suas famílias. Aprendem sobre o cuidado necessário para a preservação do meio-ambiente. “E vão desentortando⁴”.

Educar não é somente a preparação do saber escolar. O indivíduo também precisa entender sobre diversidades, conhecer seu lugar, sua história. “E os saberes que a natureza guarda em seu interior” (KAMBEBA, 2020, p.17).

Precisamos continuar o que outras pessoas já iniciaram anteriormente. O conhecimento precisa ser transmitido. E para isso existem outras formas de propagar os saberes. Precisamos conhecer nossas ancestralidades. Conhecer sua própria história. Conhecer o passado para viver bem o presente. “Somos a continuação de um fio que se constrói no invisível” (MUNDURUKU, 2009, p.16).

Talvez seja por esse desconhecimento a crescente violência entre os alunos nas escolas. Não sabem quem são seus avós, pais, parentes, porque são criados por outras pessoas. Sabem de ter ouvido falar. Mas essa informação já é um avanço a se considerar. Uma outra história que ele pode continuar a partir desse novo núcleo familiar que habita, aprendendo a respeitar os mais velhos que contam suas histórias. E eles adoram ouvir histórias.

Os próprios alunos entrelaçam os conhecimentos. Se por exemplo informo sobre Tupã, entidade da mitologia indígena, eles mesmos comparam com Thor, o deus nórdico dos raios e trovões. Timidamente uma aluna compara com Xangô, Orixá africano:

Mayana – pró, olha, (aponta) a borboleta. Minha mãe tem uma borboleta tatuada nas costas, protege ela, mas não é para contar na rua, mas aqui na escola pode, né?!...rsrs

Duda – eu tenho uma carta de borboleta e uma de raio

Pesquisadora – Mas quem tem os poderes do raio?

Duda – Thor tem, e tem machado também com luz

Pesquisadora – Vocês sabiam que para alguns povos indígenas, quem tem o poder dos raios e trovões chama-se Tupã?

Duda – Tupã parece com Thor, legal!

Mayana – Mas pró eu conheço Xangô, que é dos raios e trovões. É a mesma coisa né!? Todos que nem nas cartas de Pokémon, com superpoderes?

Pesquisadora – Mas são diferentes, cada um de uma aldeia, entendem?

⁴Desentortando: termo utilizado por Munduruku, na busca de desentortar pensamentos, quebrar estereótipos, aproximar mundos, se referir à mentalidade da maioria dos brasileiros quanto a série de equívocos que pensam sobre os indígenas.

Duda – Claro, pró, diferentes como Roblox e Lego que eu expliquei para a sra, lembra?

Este diálogo ocorreu foi numa aula que conseguimos sair da sala com a turma do 5º ano B, da E.M. Vivaldo da Costa Lima, e a aula foi no espaço em frente a Igreja da Ordem 3ª do Carmo. Essa conversa possibilitou abertura para entendimento de animações com a temática indígena, que apresentei depois para explicar com mais detalhes alguns aspectos da cultura indígena.

Muitas vezes o vocabulário acadêmico não é compreendido, entendido pelos alunos. Então cabe ao professor entrar nesse multiverso de linguagem e reaprender a se comunicar.

2.2. VISIBILIDADE DAS ARTES INDÍGENAS

É necessário ouvir, escutar os alunos para conseguir trabalhar a melhor linguagem que eles compreendam. Entender, perceber que é bom ter diferenças, e respeito à diversidade cultural e identidade. Descolonizar o estereótipo indígena criado. Indígena pode estudar, usar óculos, calça jeans. Indígena pode ter o cabelo crespo, liso, colorido, curto. “O entendimento de que a criatividade precisa ser alimentada de contextos e experiências diversas, modos de ser e estar no mundo, nos possibilita pensar na necessidade de um estudo de linguagens da arte numa perspectiva decolonial” (BARBOSA, 2023, p.213).

São apresentados aos alunos inicialmente diversos artistas e artes indígenas da Bahia: Arissana Pataxó⁵, Yacunã Tuxá⁶, Wany Tuxá⁷, Kalantã Pataxó Hã hã hã⁸, Glicéria Tupinambá⁹, Janaron Uhã tattoo¹⁰. A fim de que eles se identifiquem com algum grafismo, desenho, imagem, para desenvolvimento da atividade. Mas as escolhas preferidas dessas turmas foram as obras de Daiara Tukano¹¹(AM), Rodrigo Tremembé¹²(CE), Isael Maxacali¹³(MG), Aislan Pankararu¹⁴(PE), Jaider

⁵ Arissanapataxo.blogspot.com / @arissanapataxoportfolio

⁶ Yacuna.com.br / @yacunatuxa

⁷ @nareaartesanato

⁸ @gkalanta

⁹ @celiatupinamba/https://mam.rio/programacao/atos-de-revolta-tupinamba/?fbclid=PAAabEKH2G8uhaKxGx0UPSomccuCWlgiSdpelKO5k_lbruZ7s_U2AC41V0124

¹⁰ @janaronuhay

¹¹ <https://www.daiaratukano.com/>

¹² @rodrigo_tramembe / @tramembe_ / www.tiktik.com/@rodrigo_tremembe

¹³ @isaelmaxacali / <https://www.premiopia.com/isael-maxacali/> / "Visita Virtual à Exposição Mundos Indígenas | Maxacali - Yãyhãmĩy" no Youtube: <https://youtu.be/6moah9s6HkI?si=gSiglNvMnU7fF3Fx>

¹⁴ @aislanpankararu / aislanpankararu.com/ @masp 20/12/23-25/02/24 / @galatea.art_ 11/11/23-12/23

Eshell¹⁵(RO), Denilson Baniwa¹⁶(AM), Gustavo Caboco¹⁷(RO), Auá Mendes¹⁸(AM). De acordo com a identificação particular de cada turma e seu contexto escolar, é escolhido por eles mesmos qual artista que se interessam mais. Artista que as obras interagem, despertam, o que mais toca o mais sensível deles. Forneço as redes sociais destes artistas também para que os alunos possam conhecer seus outros trabalhos e diversifiquem as informações.

Hoje em dia é mais fácil encontrar literatura indígena, nas livrarias, sites especializados, como na livrariamaraca.com.br. Nas referências bibliográficas trago como sugestão alguns autores, sites e artistas indígenas. Animações no Youtube como 'Pajerama', e o Canal 'selvagemiclodeestudos', possibilitam experiências formidáveis com a linguagem tecnológica de animação que os estudantes já conhecem.

A escola precisa ampliar o repertório, informar quem são os povos indígenas; sob a ótica indígena de preferência. Antes da experiência com os grafismos, apresento alguns povos indígenas que habitam a Bahia.¹⁹ Os alunos começam a perceber a diversidade destas populações que resistem no Brasil. Em sala de aula começam a identificar a diversidade entre eles mesmos.

Com mapas, e tabelas consigo demonstrar onde habitam as populações indígenas no território da Bahia. Na tabela com os atuais povos originários da Bahia e territórios, apresentada em aula, os alunos verificam a quantidade de povos indígenas existentes na Bahia com Terra Demarcada, em nome do povo; e aprendem a diferenciar de Reserva Indígena, território em nome no estado, que pode ser tomado a qualquer momento por alguma alegação de segurança nacional. O que geralmente causa bastante surpresa é saber que a Bahia é o segundo território com maior população indígena no Brasil, depois do estado do Amazonas, de acordo com dados recentes do censo do IBGE²⁰ de 2022.

¹⁵ @galeriajaideresbell / www.galeriajaideresbell.com.br

¹⁶ @denilsonbaniwa / <https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>

¹⁷ @gustavo.caboco

¹⁸ @aua_art auamendes.com

¹⁹ <https://anaind.org.br/povos-indigenas/bahia/>
<https://anaind.org.br/mapa/>

²⁰ <https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2.html>
<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3.html>
<https://anaind.org.br/tabela/> Tabelas Povos Indígenas e Territórios na Bahia

A internet se tornou uma grande aliada. Conhecer artes e artistas indígenas, através das redes sociais, visita a museus físicos e virtuais, como o <https://nheepora.mlp.org.br/>, permitiu aos alunos uma ampliação de repertório gráfico e sensível.

Foi apresentado na escola, o projeto “Todo dia era dia de índio” realizado em parceria com a prefeitura de Salvador, no intuito de dialogar e sensibilizar os estudantes acerca das condições históricas e atuais dos indígenas em Salvador. Através do Programa ‘Sons do Bem’ estão disponibilizados, dois vídeos na plataforma do Youtube²¹, com a participação de Kalantã Pataxó, que havia visitado a E.M.Vivaldo da Costa Lima. Foi uma iniciativa de buscar valorizar a história da cultura indígena na capital baiana através de vídeos curtos e didáticos, dinamizar o acervo das instituições museais no segmento digital, além de desmistificar a noção de superioridade portuguesa quando superficialmente comparada à cultura indígena.

Não é somente contar as histórias indígenas e mitos escritos por indígenas, mas a forma de apresentar esses mitos através de animações, vídeos, linguagens audiovisuais conhecidas dos alunos, favoreceu a conexão muito mais rápida dos alunos com a temática indígena.

Alguns dos mitos e histórias dos povos indígenas, contados, escritos por indígenas, que trabalhei em sala de aula em diversas atividades:

- A canoa da transformação (Flecha 1 - A serpente e a canoa) povo Tukano;
- Txopai e Itôhã do povo Pataxó;
- Yawareté Açú, O jabuti e A onça pintada, Kírtí (reconto do povo pirá-tapuya waíkhana);
- A garça e o gavião, Wayna Kambeba

O mito foi escolhido para cada turma, de acordo com a idade/ turma/ identificação realizada na semana diagnóstico e no decorrer das aulas. Isto permitiu aumentar o repertório na escola para a aplicação da Lei 11.645/2008.

A partir de imagens de tipos de peles de animais e textura, encontradas na internet, organizei e disponibilizei para os alunos, como exemplo, um classificador

²¹TUDO DIA ERA DIA DE ÍNDIO EPISÓDIO1 - PADRE MANOEL DA NÓBREGA E ÍNDIA https://www.youtube.com/watch?v=l_12yLUzlt8 TUDO DIA ERA DIA DE ÍNDIO EPISÓDIO 2 - SOLDADOS ÍNDIOS DA PROVÍNCIA DE CURITIBA <https://www.youtube.com/watch?v=vnCLH1twBPA>

com estas imagens de tipos de estampas de peles, no intuito de diversificar a produção de texturas gráficas.

2.3. DECOLONIZANDO SABERES

A pedagogia decolonial é um caminho metodológico para encontrar soluções de problemas para o ensino decolonial. Conhecimento é uma forma de poder. Havendo diálogo entre conhecimentos universais e conhecimentos populares, é possível construir a própria prática.

A transmissão dos conhecimentos indígenas ocorre por meio da oralidade da vivência da construção, da experiência diária. São muitos povos indígenas são muitas culturas indígenas e normalmente não se explica sobre isso. Cada aldeia tem sua cultura, e cada povo tem sua tradição. Importante descolonizar esse pensamento estereotipado de que todos são iguais.

Encontrar um caminho do meio, entre oralidade e escrita, é a proposta de uma experiência onde todos possam se relacionar com a experiência artística e suas próprias vivências. “A memória cultural se baseia no ensinamento oral da tradição, que é a forma original da educação nativa, que consiste em deixar o espírito fluir e se manifestar por meio da fala aquilo que foi passado pelo pai, pelo avô e pelo tataravô” (JECUPÉ, 2020, p.33). Considerar a vivência, o fazer enquanto processo, experienciando.

O professor não indígena deve estar atento para que não ocorra apropriação. A simbologia do grafismo que é ancestral, na sala de aula pode ser trazida, sem desvirtuar, através dos exemplos dos trabalhos artísticos dos indígenas, como Daiara Tukano, Benício Pitaguary, Arissana Pataxó. Arte indígena é arte de resistência, ativismo por meio da arte contemporânea. Artivismo. Arte ativada, não deve ser banalizada como mercadoria.

O Cacique Babau Tupinambá (2022, p.7) “elabora coletivamente uma proposta intercultural e contracolonial de educação escolar para crianças e adultos, indígenas e não indígenas, reivindicando a história oral Tupinambá como História também a ser ensinada”. Narrar é uma forma de poder. O colonizador português contou uma história única como verdadeira. Sob a ótica eurocêntrica a escrita é uma ferramenta de poder. O primeiro embate entre o colonizado e o colonizador é a língua. O colonizado teve que aprender a língua do colonizador. Qual língua se fala

no Brasil? Português? Somente? São mais de 305 etnias indígenas no Brasil e mais de 274 línguas indígenas. Ou seja, existem vários povos indígenas, várias culturas, vários idiomas que já se falavam aqui no Brasil.

Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial são ferramentas dos sujeitos subalternizados e dos movimentos sociais. A arte encontra brechas, possibilidades de imaginar um outro mundo. “O rio tem espírito, é encantante, formador de uma educação que não obedece a um *currículum* escolar” (KAMBEBA, 2020, p.20). Os povos indígenas entendem uma conversa entre mundos, encantados, de ancestralidade, de respeito a sua origem. De resistir para existir. A educação decolonial necessita de uma formação continuada, olhar para as diversas infâncias, dialogar em sala de aula sobre a diversidade. Munduruku, Jecupé, Pataxó, são diferentes povos, biomas, brasís.

Por outro lado, precisamos distinguir Educação indígena, de Educação escolar indígena e de educação de temática indígena. Educação indígena é realizada por Pajés, dia a dia, na aldeia. Educação escolar indígena é uma educação sistemática, onde se estuda a língua materna e o português, e as matérias matemática, geografia. Educação de temática indígena se dá através da lei 11.645/2008.

Situar os alunos sobre quem são os povos originários que ainda vivem na Bahia, é demarcar território, história e cultura de seus habitantes. “Toda história tem um passado, passado e presente coexistem” (TUXÁ, 2022, p.63). Desta forma enxergam que indígenas existem. Ocupam território. E que são diversas etnias, diversas culturas, diversos mundos que resistem. Desmistificam a imagem de “selvagem”, estereotipada e romantizada, através de dados estatísticos. “Os indígenas são tão baianos quanto nós”, afirmou um aluno certa vez.

O diálogo com outros professores de outras áreas é restrito. Professores de história e geografia já contextualizam o conhecimento sobre a temática indígena, ainda timidamente. A disciplina de artes, muitas vezes, é vista como atividades decorativas para datas comemorativas, ou festivas instituídas no ensino desde a colonização. “A maioria das disciplinas “tradicionais” é fundada em uma visão cultural de mundo que ou é antagônica a outro sistema de crenças ou não conta com uma metodologia para lidar com outros sistemas de conhecimento” (SMITH,

2018, p.83). Para trabalhar com projetos que abrangem outras áreas, além do interesse sincero, acredito que seja possível ocorrer por uma via contracolonial, a fim de modificar a domesticação, a visão da cultura imperial que ainda está estabelecida no currículo escolar planejado intencionalmente. Não basta somente criticar. A ação inicial seria formação, do corpo docente interessado, por professores indígenas dispostos a compartilhar seus conhecimentos. Desde que fosse: ética, respeitável e honesta a vontade de aprender, vivenciar, experimentar uma outra cultura, outras metodologias e práticas ancestrais. Dependendo da escola, o interesse dos colegas professores é genuíno. As diversas demandas impostas pelos governos aos professores também atrapalham a aplicação da lei 11.645/2008 em sala de aula.

Os seres humanos têm a capacidade de aprender, ressignificar. Os povos originários vêm resistindo há mais de 500 anos. Aprendendo outras línguas, outras culturas, outras tecnologias, sem perder sua cultura e tradição, confluindo. Mais importante ainda a necessidade de professores indígenas preparados para produzir materiais didáticos imprescindíveis, que transmitam a visão dos povos indígenas. “Primeiro, é saber a serviço de quem está a Lei 11.645/ 2008” (GRAUNA, 245, 2011).

Ao trabalhar a temática indígena em arte na escola, possibilita-se o favorecimento da experiência sensório-motora nos processos cognitivos. É estimulada a percepção, formas de conhecimento intuitivo, integrando as dimensões do fazer-pensar-sentir, fundamentais para o desenvolvimento humano. Amplia-se o desenvolvimento de coordenação motora fina, por exemplo, associações e deduções lógicas que facilitam o aprendizado complexo com outras disciplinas. Para além de conceitos e procedimentos, ampliam-se as relações interpessoais com mais respeito, solidariedade, empatia e diálogo; promovendo reflexões em torno do aprender a ser/ estar e a conviver na escola. “Educar é incutir valores nas pessoas. Valores são atributos de pessoas, não de instituições” (MUNDURUKU, 2009, p.17).



3. APLICAÇÃO DA LEI 11.645/2008

3.1. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Para a experiência de criação de grafismos precisei atentar que muitos grafismos estão ligados aos fazeres ritualísticos de cada povo, e também com os Encantados. Uma vez que não poderia trabalhar com grafismos que têm simbologia

dos sagrados, eu fui orientada pelo professor indígena Ademário Payayá que eu poderia trabalhar com a criatividade dos alunos. Os alunos poderiam criar os grafismos deles, as simbologias deles. Tendo a atenção para que eles saibam o significado dos grafismos que estão criando e que seria uma experiência.

Nas ilustrações seguintes, pode-se perceber a realização coletiva do trabalho. Desenhos de memória de patas, pegadas de algum animal. A repetição cria padrões gráficos. Novas estampas. Técnica mista, giz de cera em papel metro branco.

Foi dada a preferência a escolha de um animal, brasileiro, que trouxesse a interdisciplinaridade com: ou geografia local (rio), ou ciências (reino animal: como insetos, serpentes, peixes) em composição com os grafismos, em trabalhos em grupo como descrição das atividades de pesquisa pretendidas no contexto do curso. Creio que o trabalho com a temática indígena na educação necessite do envolvimento de outras áreas de conhecimento de maneira interdisciplinar. Ou seja, unindo os conhecimentos e as experiências dos alunos aos conhecimentos escolares também. Assim criamos outras possibilidades para a construção de saberes. Aprender com vivência e partilha entrelaça o entendimento. O desenvolvimento se torna coletivo, todos colaboram. Isto é, contextualizar e referenciar as práticas artísticas e os processos de ensino nos dias de hoje.

O estudo de grafismos a partir de estampas de peles de animais e seus significados. A pele que trouxe maior comentário foi a da serpente. Veneno. Fofoca. Remédio. Curiosidade e informações trazidas de memória, de saberes familiares, e reproduzido em sala de aula. “E dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais ” (KRENAK, 2022, p.37). Quando se referem a alguém adjetivando como cobra venenosa. E no mesmo momento se lembram do remédio feito a partir do veneno, e citam o Captopril. Imaginaram a serpente percorrendo a escola. Onde a cobra-coral seria colocada, exposta na escola, já que a peça inteira ficou com o tamanho de 4,5X1,5 metros.

Algumas experiências pessoais irão terminar interferindo em como o aluno vai se relacionar com a obra de arte ou com o conhecimento em arte. A experiência modifica de acordo como ele foi mediado, e isso também vai modificar as formas de como eu vou aldear o assunto para a classe.

Além das técnicas em artes, são apresentadas nas aulas as diversidades que precisam ser respeitadas como direito e dever. Há a possibilidade de levar a experiência política e estética no mundo. Uma ideia de construção de um campo de saberes. Arte indígena como uma referência estética, como comportamento cultural de um determinado grupo e não de forma estereotipada caricatural.

Uma das maneiras de combater a intolerância é trazer a Lei 11.645/08 para as rodas de conversas ou para o dia-a-dia nas escolas, visando sempre ao diálogo. Acredito que ao optarmos por esse caminho, em respeito às diferenças, estaremos contribuindo para a união entre os povos. Essa visão circular da vida é típica do pensamento indígena em qualquer lugar do mundo. A ideia de circularidade nos aproxima do outro, da liberdade, do jeito de ser e de viver (GRAÚNA, 2011, p.258).

Quando o adulto apresenta histórias, relaciona com a vivência do aluno, quando incentiva a observação dos papéis sociais presentes no entorno, quando enriquece as vivências infantis com conhecimentos sobre o mundo e as pessoas, a possibilidade de brincar de faz-de-conta torna-se muito mais ampla e desenvolvente.

Não há dissociação: Arte + Cultura + Dia a Dia + Literatura + Tempo + Espaço

A concepção de tempo e espaço indígena não faz distinção entre esses dois conceitos. “O espaço é geralmente visto pelo pensamento ocidental como estático ou separado do tempo” (SMITH, 2018, p.69). Dividir, sistematizar, compartimentalizar, hierarquizar são as formas encontradas pelo colonizador para dominar. Criticar quem não ‘sabe’ fazer bom uso do seu tempo. Esse desejo de trazer o progresso à vida dos povos indígenas é um pensamento racista. Demarcar dia e hora quando começou a arte, limita a imaginação, a convivência com outras narrativas plurais. É bom ser diverso. Amplia as possibilidades.

A fim de aproveitar, positivamente, essa intimidade, familiaridade que os alunos têm entre si, início com alunos do 2º ano com a confecção dos grafismos. O 3º ano desenvolve a atividade, e o 4º ano conclui. A visibilidade a todo processo de colaboração traz bastante satisfação aos alunos. Através de animações, minidocumentários, visita a museus apresento a mitologia indígena. Quando é informada a existência de um Deus do Trovão indígena – Tupã, os alunos se referem a ele como Thor (deus nórdico do trovão), ou como uma carta de um jogo, figurinha e começam a fazer, realizarem suas conexões, encontrando formas de aceitar, ressignificar “o novo”, para ele.

É fundamental estabelecer regras no desenvolvimento de qualquer prática artística na escola sobretudo as realizadas coletivamente. Uma das principais regras é: criar respeitando a diversidade. “A cultura indígena no seu processo educativo trata a criança como criança, um ser brincante que forma seu olhar sobre o mundo a partir de sua vocação interna: os jogos e as brincadeiras” (MUNDURUKU, 2022, p.74). Disso decorre a importância essencial do adulto no enriquecimento das experiências infantis.

Metaversos (Saberes Circulares) – Portais

Eu precisei me atualizar com as tecnologias mais utilizadas pelos alunos, para poder me comunicar melhor com eles. Entender os metaversos, ambientes virtuais naturais para os estudantes; novos jogos, avatar. Esta exploração de um mundo diferente encontra transversalidade com a temática indígena, o mundo dos sonhos, ancestralidade. Pensar também o sonho como mediação, como processo criativo. Sonho que não é um sonho que dorme, mas o sonho que a gente pode ir a essas outras possibilidades. “[...]dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais” (KRENAK, 2022, p.37).

Portais para os alunos, seriam as ligações entre os mundos. Segundo eles esses mundos, além do real, englobam os games, a imaginação, os sonhos, cores, cartas de jogos de superpoder e diversas conexões que podem ser realizadas. Por exemplo, em uma carta de jogo de um super-herói, há uma cor específica que identificar seus poderes. Quando jogada, essa outra dimensão se torna real neste universo. O faz-de-conta é real para a criança. E quando nós participamos com eles desses metaversos deles, eles ficam muito felizes porque estão sendo ouvidos e entendidos. Precisamos criar pontes conectivas entre o saber formal e o saber informal, o saber oral e escrito. Conectar os mundos, dialogar, conviver com as diferenças. De acordo com Taquari Pataxó:

É preciso construir outro modelo de educação que não seja pautado no eurocentrismo, e essa nova forma de educação precisa ser ampla e diversa, que leve em consideração as contribuições, experiências e conhecimentos milenares dos povos indígenas (XUCURU-KARIRI, 2020, p.77).

Arte no currículo escolar precisa ter equilíbrio para poder trabalhar a questão formativa prática e também o trabalho artístico criativo. A Arte como um meio em processos de aprendizagem através dos processos de criação. Precisamos ter um entendimento dessa outra arte, desse outro sistema, que existe e que sempre existiu

no Brasil. Atualizar o pensamento de história da arte. Reconhecer autores indígenas protagonistas de sua própria história. “Talvez tenha sido a minha meta, de que os povos indígenas falem por eles mesmos” (TAUKANE, 1999, p. 18).

Dessa forma, desenvolvi estudos que tratam a arte como uma forma interdisciplinar de investigação e conhecimento. Tendo comprometimento com as questões que formam o ser humano mais pleno. Olhando para a educação como formação humana. Com a preocupação da forma mais adequada de contribuir com a cultura indígena. A escola precisa ser um espaço de aprendizagem. Em vez de reproduzir conteúdos preconceituosos e generalizados. A Lei 11.645/2008 possibilita novos portais, novas possibilidades de enxergar a cultura como dinâmica, em movimento. Reconhecimento da pluralidade da nação brasileira e a diversidade dos povos indígenas.

3.2. PROCESSOS DE CRIAÇÃO COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A transmissão dos conhecimentos indígenas ocorre por meio da oralidade da vivência da construção, da experiência diária. Esses conhecimentos, memórias e sabedorias são transmitidos pelas mulheres. São muitos povos indígenas são muitas culturas indígenas e normalmente não se explica sobre isso. Cada aldeia tem sua cultura, e cada povo tem sua tradição. Descolonizando esse pensamento estereotipado de que todos são iguais, o entendimento desta concepção de mundo é facilitado através da identificação dos alunos e compartilhamento do que ainda possuem em suas memórias de suas culturas ancestrais. “A memória cultural também se dá por grafia-desenho, maneira de guardar a síntese do ensinamento, que consiste em escrever com símbolos, traços, formas” (JECUPÉ, 2020, p.33). Os processos de aprendizagem ocorrem diariamente.

A arte é também um espaço de somar resistência, à luta, aos sentimentos. Continuar sendo o que são. Não abrir mão de sua cultura. Essa seria uma das funções políticas das artes para os povos indígenas. Durante o processo de criação boa parte do conteúdo é apreendido funcionando como um processo de aprendizagem. Aprendem fazendo.

Importante criar repertório nos alunos, apresentar novas possibilidades, ampliar pensamentos. O que favorece mudar o assunto da violência das brigas, enxergam outras soluções. A invenção do mundo depende do ponto de vista. Creio ser possível agregar o repertório que os alunos possuem durante as aulas. E eles

respondem com novas configurações, atualizam as informações recebidas para o seu universo de Roblox, Minecraft, Pokémon, Naruto, por exemplo. Se percebem ativos e participantes. Ainda mais quando os assuntos convergem, como sereias, super-heróis, jogos e seus poderes, multiversos. Os saberes se tornam infinitos. Na rede tudo está interligado: Do triângulo a cauda do peixe. Do triângulo ao machado de Thor, de Xangô, de Tupã. Seguindo pelas escamas das serpentes, até criação dos grafismos e seus significados. E o triângulo se dobra, se desdobra, se acomoda um pouco, vira caleidoscópio, desvira. Sai voando como uma borboleta. Rios, estradas, caminhos, serpentes, conexões podem ser criadas e compartilhadas, conversadas. A mente humana quando se conecta com outros Universos encontra caminhos diferentes, diversos, infinitas possibilidades, soluções, até mesmo metaversos e multiversos, realidades que convivem e se entrelaçam. Os sonhos acontecem, se realizam através da criatividade e imaginação.

3.1.1. Grafismos – Experiências

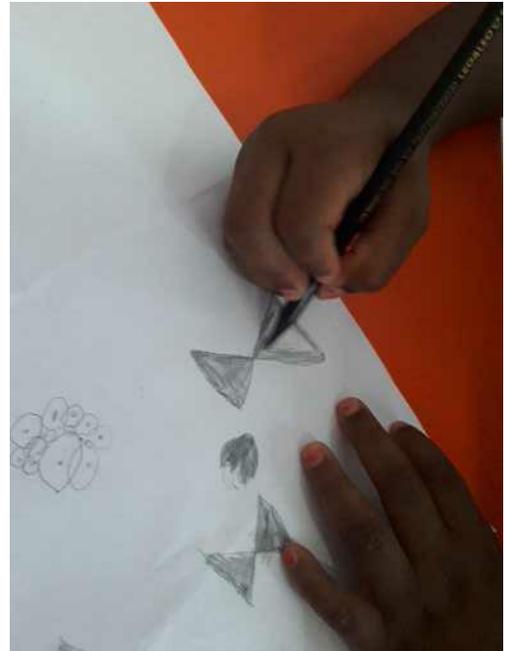
Escola Municipal Vivaldo da Costa Lima

Peixes

 isaelmaxa... Seguindo :



Isael Maxakali – Mãmxeke yōg hãm ägtux – História do Peixe Grande, 2021. Lápis de cor sobre papel. 21 x 29,7 cm



Estudo de grafismos inspirado na arte de Isael Maxakali – 2º ano B



Estudo de grafismos inspirado em estampas de animais – 3º ano



Rede de proteção nas janelas



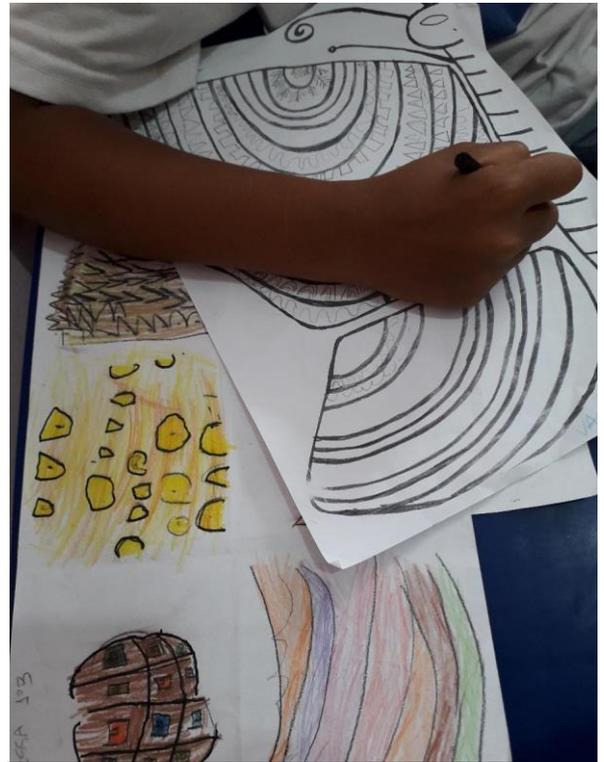
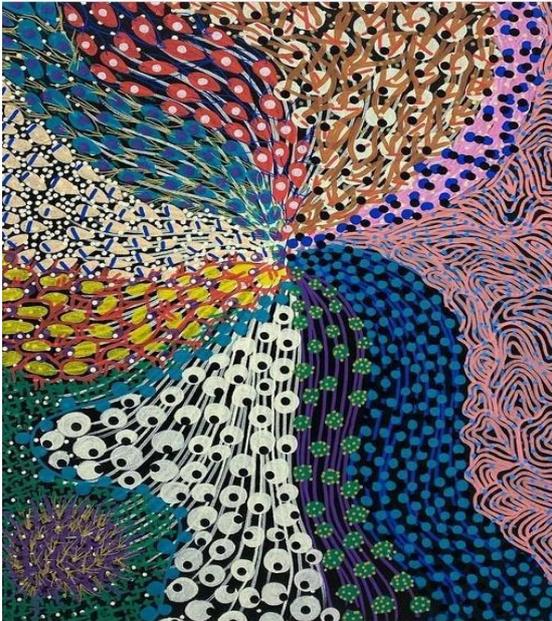
Estudo de grafismos – Ampliação de desenho escolhido pela turma – 4º ano B utilizando os grafismos criados pelos 2º e 3º anos – Giz de cera em papel metro branco 4x1,5m



Estudo de grafismos- medição, recorte e colagem nos espelhos da escada 5º ano A

Borboleta

aislanpankararu



Estudo de grafismos – inspirado em estampas de animais - 1º ano A e B-



Estudo de grafismos – inspirado em estampas de animais – sequências gráficas completando uma das asas da borboleta – noções de simetria e texturas gráficas - 1º ano B e 2º ano B – inspirados na arte de Aislan Pankararu



Estudo de texturas gráficas inspiradas nos grafismos e artes indígenas, e composição por simetria das asas da borboleta em dupla- 4º ano B – folhas A4, lápis de cor e caneta esferográfica preta.



Estudo de texturas gráficas inspiradas nos grafismos e artes indígenas, e composição por simetria das asas da borboleta coletivo - 5º ano A e B – duas partes de papel metro branco, giz de cera, 4x2,5m.

Escola Municipal Joir Brasileiro

Serpente



Estudo de grafismos – inspirado em pegadas de animais e insetos – sequencias gráficas que por repetição podem criar um padrão gráfico – alternando suporte - 2º ano A



Visão da janela da sala do 8º ano A, E.M. Joir Brasileiro



Estudo de grafismos – inspirado na memória de pele de serpentes – criação e uso de alguns padrões gráficos criados por outra turma para composição.



Panorâmica do entorno e fachada da E.M. Joir Brasileiro



Estudo de grafismos
turma do 8º A –
inspirado na memória
de pele de serpentes e
em obras da artista
Daiara Tukano –
criação e uso de alguns
padrões gráficos
criados por outra turma
para composição.
Serpente cobra coral,
técnica mista, giz de
cera, papel metro
branco, 4x1,5m.- 8º
ano A





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho, desde o início foi a prática da Lei 11.645/2008 abordando a temática indígena nas aulas de artes para fundamental 1, que se prolongou ao fundamental 2 também. Foram priorizadas as narrativas indígenas. Tive o apoio imprescindível e gentil dos indígenas Kalantã Pataxó Hã hã hãe, Professor Ademário Payayá e Genilson Taquari Pataxó, uma vez que os materiais didáticos adequados a temática indígena são escassos. Algo que deve ser repensado pelos governos e sistemas educacionais. Além da precariedade encontrada nas escolas (infraestrutura em condições ruins, falta de recursos didáticos, entre outros), encontrei as dificuldades que fazem parte quando é realizado um trabalho diferente do repetido pela estrutura educacional colonial. A aplicação efetiva da Lei 11.645/ 2008 depende da capacitação dos professores. “Garantir que a lei pegue nas escolas” (GRAÛNA, 248, 2011). O professor também é aluno e deverá estar sempre num processo formativo contínuo, ressignificando o tempo inteiro, pois uma nova experiência pode desconstruir outras. O aprendizado não se encerra ao fim de algum curso. Compartilho nas referências bibliográficas a prioridade dada aos autores e artistas indígenas que fiz questão de trazer devido a preciosa contribuição deles.

A prática pedagógica da visibilidade das artes indígenas e aplicação da Lei 11.645/2008 foi realizada através da experiência da criação de grafismos, respeitando os encantados e a cosmovisão das culturas indígenas, considerando a relação interdisciplinar que o tema traz. A escola precisa ser o melhor caminho, orientar, abrir passagens da melhor maneira. A escola tem que ser interessante para o aluno. Não suprimir o conhecimento e o modo dele de ser. Os estudos necessitam se ressignificar de acordo com o tempo histórico vivido, a fim de atender as necessidades existentes no momento. É preciso conhecer o passado, a própria história, para contextualizar a imaginação. A partir daí reinventar o presente. Aproximar as práticas artísticas e os processos de ensino. A composição social e cultural do brasileiro é feita a partir de diversas misturas étnicas. “Esse campo é sentido na memória ancestral e está em nossos sonhos, em nossa ação. Mil gerações vivem em mim” (TACARIJU, 2021, p.79).

Por tudo isso, entendo que é preciso ter compreensão dessa outra arte, desse outro sistema, que existe e que sempre existiu no Brasil. Atualizar o

pensamento de história da arte. Reconhecer autores indígenas protagonistas de sua própria história. Pensar também o sonho como mediação, como processo criativo. Sonho que não é um sonho que dorme, mas o sonho que a gente pode ir a essas outras possibilidades. Aliando a afetividade e a criatividade indígenas, pode-se transmitir conceitos éticos e solidários. Desta forma, facilitando a construção de perspectivas diversas dos alunos a compreensão do mundo e processos de participação social.



REFERÊNCIAS

- BABAU, Cacique. **É a terra que nos organiza**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.
- BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/ SECAD/ Museu Nacional/ UFRJ, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. **Criatividade Coletiva. Arte e Educação no século XXI**. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Brasil. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Volume 10.2. Temas Transversais: Pluralidade Cultural, 2011.
- BRITO, Edson Machado de. **O ensino de História como lugar privilegiado para o estabelecimento de um novo diálogo com a cultura indígena nas escolas brasileiras de nível básico**. Fronteiras, [S.l.], v. 11, n. 20, p. 59-72, dez. 2009. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/624>.
- FULKAXÓ, Nankupé Tupinambá. **Entre cartas, crônicas e textos jornalísticos: o que fizemos com o nosso povo?** Camaçari, BA. Pinaúna Editora, 2019.
- GOMES, Luana Barth. **Os primeiros passos para o ensino dos povos indígenas na sala de aula**. @ancestralidade.indigena. E-book, Vol.1, 2022.
- _____. **A temática Indígena na escola: ensaios de educação intercultural**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 53-69, Jan/Abr 2012
- GRAÚNA, Graça. **Vozes ancestrais e exclusão na literatura brasileira**. In: BEZERRA, B. Língua, literatura e ensino. Recife: Edupe, 2009.
- _____. **Educação & Linguagem** • v. 14 • n. 23/24 • 231-260, jan-dez. 2011.
- JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos. História indígena do Brasil contada por um índio**. Peirópolis. São Paulo, SP, 2020.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Coleção Insurgências – Jandaíra, 2020.

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?** Mneme - Revista de Humanidades, v. 15, n. 35, p. 38-68, 17 out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445> Acesso em: 12/02/2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Companhia das Letras. São Paulo, SP, 2022.

_____. **A Vida não é útil**. Companhia das Letras. São Paulo, SP, 2020.

_____. **Idéias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, SP, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2009.

_____. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. Coleção: educação em foco. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

_____. **Mundurukando1: sobre saberes e utopias**. Lorena: UK'A editorial, 2020.

NEGRO, Maurício. **Nós: uma antologia de literatura indígena**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

PATAXÓ, Kanátýo; PATAXÓ, Apinhaera. **Txopai e Itôhã**. Mec/ Unesco/ See - MG. Belo Horizonte, 1997.

PITAGUARY, José Benício Silva Nascimento. **Grafismo indígena: pinturas corporais como prática no ensino de geografia na escola indígena Itá-Ara, Pacatuba-CE**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia. Fortaleza, 2019.

RIBEIRO, Ademário. **Oré - Îandé: Nós sem vocês - Nós com vocês**. Simões Filho-BA: Edições Kurupyra, 2020.

_____. **Poética Poranduba, Eco-Étnica**. Salvador: Edição do autor, 2001.

RIBEIRO, Ademário; JARDIM Ana C. M. **História dos povos indígenas: abordagem transversal fortalecida pela lei 11.645/2008**. Pró-Professor. Ouro Preto, v.1, n.1, p. 1-21.

RICARDO, Fany. Vários autores. **Povos indígenas no Brasil: 2017/2022**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, 2023.

SESC. Departamento Nacional. **Culturas indígenas, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2019. (Educação em rede; v. 7).

SALVADOR (BA). Prefeitura. **Referenciais curriculares de arte para o ensino fundamental da rede municipal de educação**. Prefeitura Municipal de Salvador; Universidade Federal da Bahia. Vários autores. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2017.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Linda Tuhiwai Smith; tradução Roberto G. Barbosa - Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

TACARIJU, Felipe Coelho Iaru Yê. **Alienindi-A: Os Portais dos Mundos**. Coleção Retomadas. Ponta Grossa: UEPG-PROEX, 2021. Disponível em: <https://www2.uepg.br/proex/ebook-alienindi-os-portais-dos-mundos/> Acesso em: 13/12/2023

TAUKANE, D. **A história da educação escolar entre os kurâ-bakairi**. Cuiabá: Darlene Taukane, 1999.

TUXA, Ezequiel Vitor. **O que falam as águas?** Coleção Livro-Lugar. Salvador, BA: Editora/ Sociedade da Prensa, 2022.

XUCURU-KARIRI, Rafael; COSTA, Suzane L. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador-BA: Boto-cor-de-rosa livros arte e café, 2020.

Cadernos SELVAGEM publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2023. <https://selvagemciclo.com.br/cadernos/#tab-1709055176076-5>.

